



o risco climático é um risco material

SOBRE O RISCO CLIMÁTICO

A mudança do clima representa a maior ameaça de longo prazo para a economia global, criando riscos materiais para sistemas humanos e naturais. A tendência atual de aquecimento, a partir das políticas de mitigação de emissões de gases de efeito estufa (GEE) em curso, é de 2,9°C. E, neste cenário, a economia mundial pode encolher 18% nos próximos 30 anos. No entanto, apesar de sua relevância, os riscos climáticos são pouco compreendidos pelo mercado e raramente integrados aos sistemas de gerenciamento de risco corporativos.

Como consequência, as exposições climáticas dos ativos e operações seguem sem precificação. Estima-se que +5.000 empresas listadas e 12,5 milhões de ativos, como edificações, fábricas, armazéns e centros de distribuição, são altamente expostas ao risco climático e carregam, em conjunto, USD8,7 trilhões em operações de financiamento. Não surpreende, portanto, que o Financial Stability Board (FSB) considerou o risco climático um risco sistêmico devido suas complexas inter-relações no sistema econômico e seus potenciais desdobramentos para o setor financeiro.

O risco climático pode ser classificado em riscos de transição e riscos físicos. Cada qual afetará o desenvolvimento global de forma diferenciada. Este whitepaper apresenta, brevemente, os conceitos associados ao risco climático e a relevância da integração do gerenciamento deste risco pelas empresas e suas cadeias de valor.

SOBRE A WAYCARBON

Estabelecida no Brasil desde 2006, a WayCarbon é a maior consultoria estratégica com foco exclusivo em sustentabilidade e mudança do clima na América Latina. A empresa oferece ao mercado soluções que aliam experiência profissional, inovação e desenvolvimento tecnológico, com o objetivo de transformar a sustentabilidade em um elemento competitivo para o negócio. Empresa B Certificada, a WayCarbon é referência em assessoria sobre mudanças globais do clima, gestão de ativos ambientais e no desenvolvimento de estratégias e negócios visando a ecoeficiência e a economia de baixo carbono.

Na área de risco climático, a WayCarbon desenvolveu uma abordagem inovadora, baseada em conceitos e dados científicos de fronteira, de forma a entregar às empresas uma avaliação de impacto sobre o seu negócio frente a diferentes cenários de incerteza.

FATOS RÁPIDOS

A WayCarbon é referência em Análise de Risco Climático, tanto no setor público como privado.

No setor público a WayCarbon já desenvolveu Análise de Risco Climático para 8 grandes cidades brasileiras, entre elas São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Salvador.

No contexto internacional a WayCarbon já desenvolveu Análise de Risco Climático em 2 cidades da Colômbia.

Na iniciativa privada a WayCarbon vem desenvolvendo análise de risco climático para os setores como energia, indústria, agro e mercado financeiro.

O MOVE® possui um amplo banco de dados climáticos e informações geofísicas acoplados a modelos de risco físico, como inundações, tempestades, ondas de calor e secas.

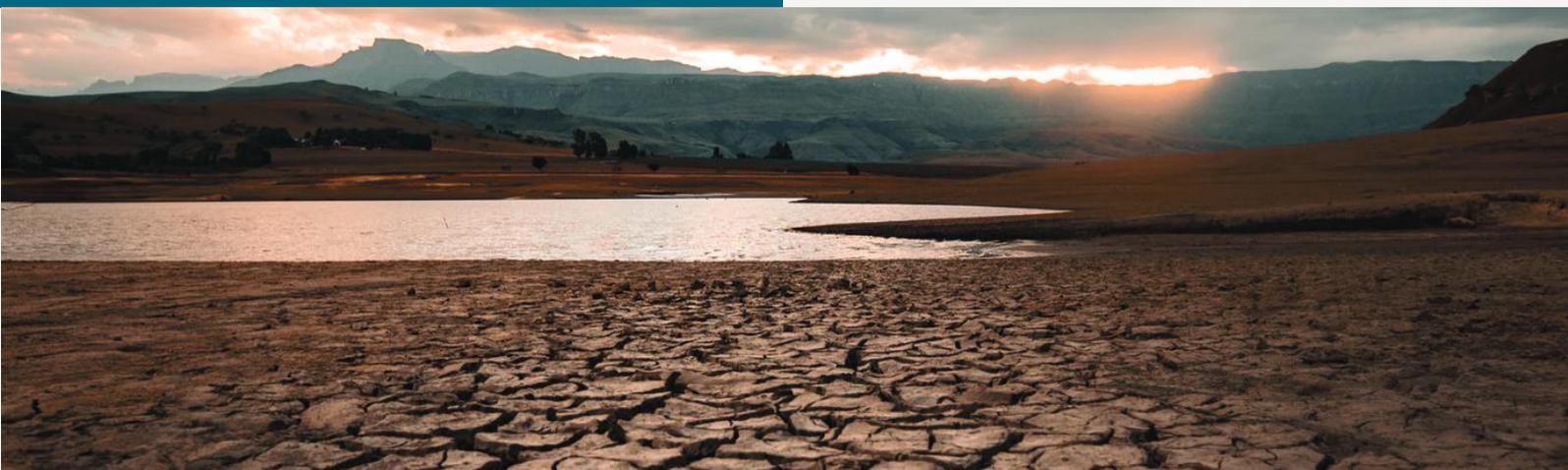
A Task Force for Financial Climate Related Disclosure (TCFD) é composta por 31 membros, que por sua vez representam bancos, seguradoras, acionários e consultorias de diversos países pertencentes ao G20, grupo que congrega chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia. A escolha dos membros se deu de forma a incluir experts tanto do setor financeiro quanto não-financeiro, assim como elaboradores e usuários de relatórios financeiros. Em junho de 2017, a TCFD lançou seu relatório de recomendações. Essas foram elencadas em quatro áreas temáticas: governança, estratégia, gerenciamento de risco e métricas e metas. A força-tarefa recomenda que a publicação de riscos financeiros relativos ao clima seja incluída na demonstração contábeis ou publicação de visibilidade equivalente da empresa, de forma a dar transparência às ações sugeridas nas quatro áreas.

Para a área de governança, a TCFD recomenda relatar as funções de um conselho no gerenciamento de riscos e oportunidades relacionadas às mudanças do clima. Tais riscos devem ser descritos, assim como a forma que impactam a estratégia das organizações a curto, médio e longo prazo. Nesse aspecto, é importante mostrar a resiliência do negócio diante de diferentes cenários de aumento da temperatura global. Na área de gerenciamento de risco, as organizações devem descrever seus processos de identificação e manejo de riscos climáticos, bem como a forma com que esses riscos estão integrados ao gerenciamento de risco geral da empresa. Recomenda-se também que as métricas e metas relacionados ao clima sejam mostrados nos relatórios e que as emissões de gases de efeito estufa (GEE) sejam descritas em escopos 1, 2 e 3. Além disso, divulgar riscos e oportunidades associados às emissões e outras métricas é relevante.

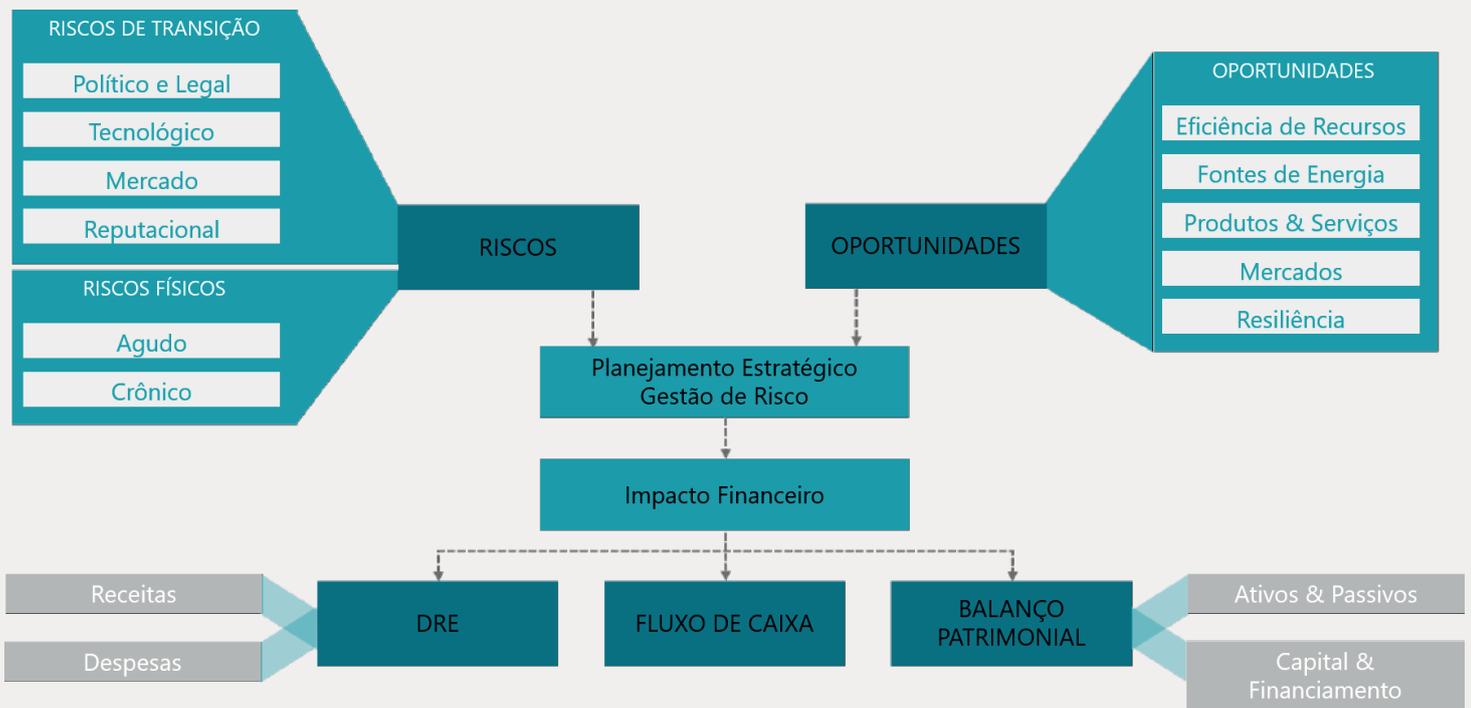
Atualmente, a TCFD é presidida por Michael R. Bloomberg, fundador da Bloomberg LP, e está presente em 74 países contando com +1.902 apoiadores que expressam interesse em tomar medidas para construir um sistema financeiro mais resiliente por meio da divulgação relacionada ao clima.

Os cenários de transição refletem a combinação do desenvolvimento de elementos econômicos, legais e/ou tecnológicos em um recorte temporal pré definido. A construção de cenários de transição tem por objetivo avaliar os impactos da rota (ou transição) para uma economia de baixo carbono em uma organização. Esses cenários assumem uma variedade de premissas para avaliar, por exemplo, diferentes prazos para implementação de políticas, adoção de tecnologias e alterações da matriz energética.

Riscos regulatórios dizem respeito às políticas governamentais de mitigação e adaptação às mudanças do clima. Entre essas políticas, tem-se a precificação do carbono e a taxação das emissões de gases de efeito estufa (GEE), que já são realidade em vários países. A necessidade de incorporação de novas tecnologias aos processos produtivos também contribui para o risco climático, dado seu potencial de afetar a competitividade e os custos de produção. Assim, o aumento da eficiência energética e o investimento em energias de baixa emissão de GEE, por exemplo, podem trazer vantagem competitiva frente a empresas que não fazem esforços para modernizar seus processos. Para essas, o risco tecnológico será, então, relevante. Além disso, a demanda e o fornecimento de produtos poderão ser afetados pelas mudanças do clima, constituindo um risco de mercado. Para reduzi-lo, a busca por novas frentes de negócios por meio de colaboração em projetos governamentais de baixo carbono e o fomento a pequenos empreendedores e a comunidades locais são ótimas oportunidades. Por fim, os riscos reputacionais ficam evidentes quando pensamos na responsabilidade empresarial na tomada de ações de descarbonização. Esse tipo de atitude constrói determinadas imagens da organização diante de sua conduta frente à mudança do clima, portanto, a adoção de boas práticas nesse cenário é uma ótima chance de elevar a reputação da empresa.



Riscos, Oportunidades e Impactos Financeiros Relacionados à Mudança do Clima



RISCOS FÍSICOS

Os riscos físicos da mudança do clima decorrem das alterações de frequência e intensidade dos eventos climáticos e se classificam como agudos e crônicos. Riscos agudos são desencadeados por eventos climáticos extremos, como ciclones e inundações. Por sua vez, riscos crônicos, são relativos a consequências que virão no longo prazo, como o progressivo aumento do nível dos oceanos e mudança gradual no regime de precipitações.

No contexto do gerenciamento do risco corporativo, riscos físicos ameaçam a integridade de estruturas e ativos e podem afetar, direta ou indiretamente, as operações e cadeias produtivas causando danos e prejuízos. O recente ciclone bomba em Santa Catarina causou o maior dano a uma empresa de distribuição de energia brasileira, totalizando R\$57 milhões em danos além do desabastecimento de aproximadamente 1,5 milhões de imóveis. As chuvas que atingiram a Região Metropolitana de São Paulo em fevereiro de 2020, causaram prejuízos da ordem de R\$ 110 milhões, de acordo com a Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP). Em um mundo cada vez mais quente, os eventos climáticos extremos têm se tornado cada vez mais frequentes e intensos, toram-se fundamental a avaliação qualitativa do risco físico. O uso de projeções que consideram diferentes cenários de sensibilidade climática, fornece informações de valor para o gerenciamento de risco e estratégias de adaptação.

Os cenários climáticos partem de pressupostos para delinear possíveis comportamentos climáticos futuros, desde como o mundo se aquecerá sem uma política climática, até o aquecimento menos extremo que ocorrerá com cortes significativos nas emissões de GEE. Os cenários também consideram trajetórias futuras de crescimento econômico, populacional e feedbacks climáticos. Cenários são bastante usados em pares ou conjuntos maiores para contrastar diferentes futuros e escolhas.

Para a modelagem dos riscos físicos, usualmente, são utilizados os cenários denominados Representative Concentration Pathways (RCP), estabelecidos pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). O cenário RCP 4.5 é o cenário que estabiliza a força radiativa em 4,5 W.m⁻² até 2100. Este cenário se aproxima do objetivo do Acordo de Paris de limitar o aquecimento global em 2°C e assume que todos os países atuam simultaneamente e efetivamente para mitigar as emissões de GEE, portanto está fortemente ancorado na imposição de políticas de mitigação. O cenário RCP 8.5 corresponde a uma elevada concentração de GEE, representando a tendência de inação e continuidade do aumento das emissões. Também é conhecido por representar o cenário de referência, que não inclui nenhuma meta específica de mitigação de emissões. Este cenário se aproxima de 4°C de aquecimento médio e implica em maiores consequências.

COMO APOIAMOS O DESAFIO DAS EMPRESAS

- Nossa plataforma MOVE® possibilita análises robustas de avaliação de risco e apoio à tomada de decisão atendendo a especificidade de cada cliente.
- O MOVE® utiliza dos melhores dados climáticos para identificar e quantificar os riscos físicos com diferenciais críticos para análise confiável e customizável a diferentes setores.
- Identifique qual ativo mais exposto ao risco associado à mudança do clima.
- Descubra qual a exposição do seu portfólio no médio e longo prazo ao risco associado à mudança do clima.
- Entenda quais são os desafios e oportunidades que minha organização enfrenta ou enfrentará diante dos cenários de mudanças do clima.
- Fornecemos insumos técnicos baseados na ciência para tomada de decisão e gerenciamento do risco no médio e longo prazo.

CONHEÇA O MOVE (MODEL FOR VULNERABILITY EVALUATION)

Desde 2014, a WayCarbon vem desenvolvendo metodologias e tecnologias para a identificação, quantificação e gestão do risco climático. O Model for Vulnerability Evaluation (MOVE®) é uma plataforma computacional que integra modelagem espacial e dados geofísicos, sociais e econômicos, associados a probabilidade da ocorrência de eventos climáticos em diferentes horizontes temporais, fornecendo uma abordagem quantitativa para o gerenciamento do risco físico. O MOVE® vem sendo utilizados por diversos setores para identificar suas exposições à mudança do climática e quantificar o risco físico no nível do ativo.



MOVE

ALGUNS DE NOSSOS PROJETOS RELACIONADOS

(Clique para acessar)



Plano de Risco Climático de Salvador



Análise de Vulnerabilidade Climática de Belo Horizonte



Plano de Risco Climático de Recife



Mudança do Clima, Infraestruturas Críticas no Brasil e Dano Econômico



Para saber mais informações, entre em contato com um de nossos consultores:
acesse o site waycarbon.com/contato ou envie um e-mail para risco@waycarbon.com
ou contacte-nos pelo telefone (31) 3656-0501